


OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO: EXPERIÊNCIAS QUE DERAM CERTO

 <https://doi.org/10.56238/sevened2024.027-010>

Maria Luiza Gomes Teixeira

Mestre em Educação

PUC-Rio Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Pedagoga, Psicóloga, Mestre em Educação (PUC-Rio), Fellow in Psychopedagogy (CEP – Buenos Aires, Argentina), Professora aposentada da PUC-Rio, membro fundador e Coordenador voluntário do NOAP/ PUC-Rio.

E-mail: maluteixeira@uol.com.br

RESUMO

Este artigo pretende apresentar o trabalho psicopedagógico adotado pelo Núcleo de Orientação e Atendimento Psicopedagógico - NOAP PUC-Rio, através de alguns relatos de sessões realizadas por psicopedagogas voluntárias. Este Núcleo há mais de 40 anos vem atuando com crianças e adolescentes, estudantes de escolas públicas, com o desafio de resgatar o desejo de estar na escola, propiciando um desenvolvimento mais saudável. Durante a pandemia, a equipe buscou alternativas e metodologias para não interromper o fluxo dos atendimentos, o que garantiu, para muitas crianças e adolescentes, o único espaço de aprendizagem.

O NOAP atua também junto às escolas e os professores.

Nesse artigo, privilegiou-se mostrar como o NOAP procura dar continuidade a esse atendimento através de metodologias alternativas.

Palavras-chave: Educação. Psicopedagogia. Metodologias Alternativas. Pandemia.



1 INTRODUÇÃO

O sistema educacional brasileiro apresenta um cenário desafiador. Apesar de possuir um documento normativo, o BNCC (Base Nacional Comum Curricular), sua implementação ainda encontra muitos obstáculos, principalmente nas instituições públicas. A pandemia de COVID-19 revelou as fragilidades da Educação e potencializou os problemas já existentes. Dentre esses problemas, destacam-se a falência na aprendizagem, o aumento da evasão escolar, o retrocesso nas habilidades sociais e o agravamento da desigualdade de acesso à educação. Nesse período, muitas escolas não puderam oferecer o ensino remoto pela falta de infraestrutura adequada, ou seja, não havia preparo para integrar a tecnologia ao ensino. Também não havia estrutura para treinar os professores para o novo ensino a distância.

O resultado foi a paralisação das aulas, causando perdas significativas na orientação e construção das competências previstas em cada etapa de ensino. Em paralelo, muitas famílias não conseguiram o apoio necessário para o ensino em casa, aumentando as lacunas no aprendizado e o desinteresse por parte dos alunos. As pesquisas apontam que o índice que mede a qualidade da educação no Brasil, IDEB, mostrou melhoras pontuais nos anos iniciais do ensino fundamental em 2023 comparado com o resultado de 2021. Porém ainda insuficientes para alcançar as metas estabelecidas pelo Ministério da Educação (MEC). Esses resultados, porém, foram prejudicados considerando dois aspectos: a aprovação automática na pandemia, resultando um Ideb mais alto, e a baixa porcentagem de alunos que realizou a avaliação, sugerindo dados pouco confiáveis.

No Rio de Janeiro, este cenário se comprova por ser frequentemente mencionado como um dos estados com alto índice de graduação atrasada no Brasil. Essa pesquisa informa que 23,5% dos estudantes dos anos finais do ensino fundamental estão com atraso de pelo menos 2 anos, o que sugere a existência de problemas na alfabetização e nos anos iniciais do ensino fundamental. As escolas públicas situadas na Gávea, um bairro da zona sul da cidade do Rio de Janeiro no entorno da PUC-Rio, que atendem principalmente à maior favela do estado e segunda maior do país, a Rocinha, refletem essa problemática, quando, infelizmente, têm alunos que chegam ao 3º ano do fundamental sem estarem alfabetizados.

Exatamente por saber que esse problema, infelizmente, é a dura realidade do Rio de Janeiro não é de hoje, foi fundado, há mais de 40 anos, o Núcleo de Atendimento Psicopedagógico (NOAP) da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), fiel à missão da universidade de abrir-se à comunidade à sua volta, procurando alternativas para os desafios sociais e educacionais.

O NOAP, desenvolve uma ação psicopedagógica com crianças e adolescentes que, como alunos, não conseguem seguir a proposta da escola e se mantêm à margem de seus grupos, muitas vezes desistindo de estudar e com grande chance de, mais tarde, se envolverem com drogas ou prostituição.



“A psicopedagogia surge no Brasil como uma das respostas ao grande problema do fracasso escolar e evolui de acordo com a natureza do seu objeto e dos seus objetivos. [...]Assim, a psicopedagogia entra numa nova fase, em que é possível dizer que seu objeto passa a ser o processo de aprendizagem, e seu objetivo, remediar ou refazer esse processo em todos os seus aspectos.”¹ (SILVA, Maria Cecília Almeida, 1998 p.25-26)

O NOAP se baseia nos pressupostos da Psicopedagogia: o desenvolvimento e a aprendizagem ocorrem no sujeito que é pluridimensional (com estruturas física e psicomotora, operatória e cognitiva e estrutura emocional), permeadas pelas interações interpessoais e pela influência cultural. Nesse ponto, concordamos com Mamede-Neves e Pain (2023), de que a Psicopedagogia é uma práxis e, como tal, necessita de um tipo específico de pesquisa, apropriada ao seu campo.

Nossa missão, enquanto membros do NOAP, tem sido resgatar nas crianças e adolescentes, estudantes de escolas públicas, famílias de baixa renda e baixo nível cultural e de escolaridade, a fluência do desenvolvimento, o prazer de construir novos conhecimentos e as alternativas de convivência em grupo. Assim sendo, nosso desafio tem sido atingir um maior contato com essas crianças e adolescentes resgatando o desejo de estar na escola, propiciando um desenvolvimento mais saudável, adotando, por isso, os atendimentos grupais e procurando criar situações e ambientes que favoreçam a curiosidade e a expressão.

Desde sua fundação, em 1982, já passaram pelo NOAP cerca de 2000 crianças/adolescentes. Eles são trazidos por encaminhamento das escolas e de profissionais da saúde como psicólogos e neurologistas. Ao receber a inscrição, a equipe do NOAP faz uma triagem e os distribui em pequenos grupos, com um coordenador para cada grupo. Os atendimentos são semanais e cada grupo tem um estagiário/observador, fazendo seu estágio em psicopedagogia e aprendendo com o coordenador a prática psicopedagógica.

Paralelamente, uma vez a cada trimestre ou semestre, são realizadas reuniões com as famílias e as escolas, para buscar uma parceria nas linhas de ação do trabalho.

Podemos afirmar, que 80% de nossos atendidos têm ganhos não só na área escolar como na emocional e relacional.

A proposta desse artigo é, assim, mostrar, através de alguns relatos de situações de atendimento, o trabalho psicopedagógico adotado no NOAP, certo de que muitos outros lugares no Brasil, e até mesmo em outros países, se beneficiarão com esse relato.

Quero agradecer à Ana Paula Pontes, Andrea Bacellar, Andrea Farani, Andrea Leal, Andrea Michel, Andrea Sênior, Gabriella Brandão, Laura Ferreira, Lourdes Rosa, Luciana Melechi, Luciana Moraes, Márcia Simi, Maria Christina Catão, Maria Fernanda Erlich, Paula Sá, Thamires Souza Siqueira e Viviane Candiota, equipe de psicopedagogas do NOAP que disponibilizou suas sessões para que fizessem parte desse artigo. Todos os relatos foram interessantes, mas tivemos o cuidado de selecionar aqueles que pudessem mostrar a diversidade do trabalho do NOAP.

2 RELATO: PASSEIO PELO ENTORNO DO NOAP

“Fazendo um passeio pelo entorno do NOAP, dentro da PUC, a ideia foi explorar o espaço da Universidade, conversando sobre o que viam e sentiam ao olhar algo. Algumas potências apareceram para o grupo nesse momento de trabalho menos direcionado. As crianças puderam se expressar livremente e demonstrar seus conhecimentos de mundo, suas vivências junto às famílias e amigos. Com isso, nossa intervenção psicopedagógica foi valorizar cada informação e troca entre os pares porque entendemos que eles não têm essas oportunidades de interação e o espaço oferecido pela sessão é privilegiado, porque tem os pares da mesma idade, o que torna a atividade mais reconhecida e mais credibilizada pelo grupo.

Uma criança afirmou que determinada construção era uma igreja, pois tinha uma Cruz na frente.

Imagem 1: Fotografia da Cruz da Igreja



Fonte: acervo da autora, 2024

Outra criança falou o nome da árvore e da fruta, que ela gosta de comer na casa da avó.

Imagem 2: Fotografia das crianças no entorno da PUC-Rio



Fonte: acervo da autora, 2024

Outra criança falou sobre as abelhas que apareceram e que elas fabricam o mel e davam ferroada se ficassem assustadas.

Imagem 3: Fotografia das crianças no entorno da PUC-Rio



Fonte: acervo da autora, 2024

Esse grupo de 5 crianças entre 8 e 11 anos é coordenado pela Psicopedagoga Paula Sá. O relato da coordenadora fala de uma atividade fora da sala onde normalmente as crianças são atendidas. O objetivo desta sessão era incentivar a autoria do pensamento, isto é, levar as crianças a expressarem suas descobertas e conhecimentos.”

Imagens 4 e 5: Fotografias das crianças no entorno da PUC-Rio



Fonte: acervo da autora, 2024

Imagens 6: Fotografia das crianças no entorno da PUC-Rio



Fonte: acervo da autora, 2024

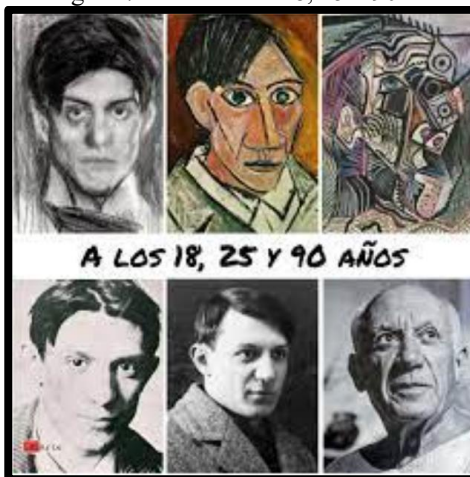
Esse aqui observamos como a ampliação de espaço é importante para essas crianças que normalmente vivem em espaços exíguos, muitas vezes em áreas de alto risco pela violência e não podem sair, explorar, observar. Traz as respostas diferenciadas de cada criança e a coordenadora, pela intervenção psicopedagógica, valorizou cada informação e a troca entre os pares. Essa atitude de expressar e escutar é muito rara na realidade dessas crianças, que, em geral, tem pais que trabalham muito e tem pouco tempo ou disponibilidade interna para escutá-los. Quando a criança dá o nome da árvore e diz que ela gosta de comer a fruta na casa da avó, ela está trazendo seu mundo interno, suas experiências que legitimam sua aprendizagem e sua expressão.

A autora Alicia Fernández (2001) diz que a intervenção psicopedagógica deve dirigir seu olhar simultaneamente para seis instâncias.

- Ao sujeito aprendente, que sustenta cada aluno;
- Ao sujeito ensinante, que habita e nutre cada aluno;
- A relação particular do coordenador com seu grupo e com seus alunos;
- A modalidade de aprendizagem do professor e em consequência sua modalidade de ensino;
- Ao grupo de pares real e imaginário;
- Ao sistema educativo como um todo.

3 RELATO: PABLO PICASSO: AUTORRETRATO

Imagem 7: Picasso aos 18, 25 e 90 anos



Fonte¹

“O grupo era formado por 7 crianças com idades entre 8 e 11 anos. O objetivo era trabalhar a autoimagem e identidade com o desenho do autorretrato para fortalecer o vínculo consigo mesmo. A autoimagem influencia diretamente na autoestima e no processo de construção da identidade,

¹ https://www.facebook.com/photo/?fbid=1544626332389455&set=a.701658176686279&locale=de_DE acesso em outubro/2023.

especialmente durante a infância e adolescência. A maneira como o sujeito percebe a si mesmo impacta o aprendizado, as interações sociais e decisões pessoais ao longo da vida.

A atividade foi dividida em três etapas:

- Fotografando os rostos: fizemos um sorteio para ver quem iria tirar a foto de quem. A intenção era de que cada um olhasse para o outro, encontrando o melhor ângulo para tirar a foto e verificando se estava nítida.
- Contextualização: foram usados os autorretratos de Picasso em três épocas diferentes. Teve o propósito de ampliar o olhar usando um famoso artista. O autorretrato de 90 anos causou muito estranhamento e todos queriam saber o motivo dele ter se desenhado daquela maneira. As perguntas das crianças foram devolvidas a elas para que cada um pensasse em uma possibilidade. A intenção também foi a reflexão sobre o conceito de bonito e feio; houve a valorização do desenho artístico e da liberdade de criar.
- Iniciando o autorretrato: foram distribuídas as fotografias impressas em preto e branco e apresentado os materiais que poderiam ser usados na atividade. As imagens em preto e branco tiveram o simbolismo de ritual de passagem no qual todos estavam “pintados” da mesma cor, e depois se diferenciaram mostrando sua singularidade ao colocar suas cores e outros elementos:

Houve quem incluísse no autorretrato uma paisagem; a que não quis desenhar seus olhos, boca e nariz; o que queria fazer exatamente igual à fotografia impressa e por isso apagava inúmeras vezes; a que desenhou o seu cabelo como desejava que fosse e não como era; o que queria testar o lápis de tons de pele no próprio braço para ter a certeza de que escolheu o seu tom; e o que preferiu se olhar no espelho.”

Imagens 8, 9 e 10: Início da atividade; paisagem no autorretrato; autorretrato sem olhos, boca e nariz



Fonte: acervo da autora, 2023

Imagens 11, 12 e 13: usando o espelho para se desenhar; escolhendo o tom de sua pele; atento aos seus detalhes



Fonte: acervo da autora, 2023

Essas atividades relatadas pela coordenadora Andrea Michel, na qual ela trabalha com autorretratos de Pablo Picasso em diferentes momentos de sua vida, são de grande importância para a construção do eu de uma pessoa. Fazer o autorretrato significa olhar para si próprio, atividade incomum para as crianças e adolescentes atendidos no NOAP. Aqui o trabalho busca a singularidade; o autorretrato é apenas o ponto de partida; e propicia cada membro do grupo olhar para si próprio.

Jean Piaget (1976) apresenta estágios operatórios do conhecimento mostrando que de forma construtiva e interativa as experiências propiciam o desenvolvimento de estruturas operatórias que vão permitir a ação e a modificação da realidade por parte do sujeito.

Na proposta, vemos diferentes momentos de Pablo Picasso mostrando a sequência das fotos (mais jovem, maduro, mais velho), o que O NOAP acredita que, através de uma atividade lúdica como essa, a criança possa estabelecer um vínculo positivo com a aprendizagem porque propicia que as crianças, na etapa do pensamento operatório, lidem com a sequenciação, estrutura importante nos conteúdos escolares e tais como a língua portuguesa e a matemática. Também é essencial a formação do eu, nos termos propostos por Erickson (1968), momento crucial para o desenvolvimento infantil.

Como já apontava Mamede Neves (1993) na obra “O fracasso escolar e a busca de soluções alternativas – A experiência do NOAP”, também aqui, a coordenadora procura viabilizar a atividade livre atuando de forma semi-dirigida. “Observamos ainda que eram evitadas as situações predominantemente escolares nas quais o “dever” abafa a capacidade de expressão e de desejo. Sentíamos que havia por parte da coordenadora a intenção de valorizar a atividade lúdica como viabilizadora da aprendizagem (e não somente de lazer), propiciando o estabelecimento de nexos entre a aprendizagem lúdica e a escolar.

4 RELATO: EXPLORAÇÃO DO CAMPUS DA PUC-Rio

“A atividade refere-se a um grupo de quatro crianças, de idades entre 8 e 12 anos, que fazem parte do meu grupo de atendimento psicopedagógico no NOAP, no horário de 9h. Nesse grupo eu contava com uma estagiária, Lourdes.

Com frequência, percebo que as crianças e as famílias têm uma referência muito forte pela PUC. Por isso, também, decidi levar as crianças para explorarem o espaço externo à sala do NOAP, para que eles se situassem melhor no espaço mais amplo em que eles estavam inseridos e o que esse espaço externo tinha para oferecê-los em termos de riqueza a ser explorada e conhecida. Orientei-os para que eles procurassem observar tudo o que chamasse a atenção deles.

Um dos meninos, Vinícius, é muito curioso, e explorou bastante o lugar por onde andávamos. Durante sua exploração ele se deteve num jardim com umas plantinhas vermelhinhas, observou-as com cuidado. Continuou caminhando e encontrou uma folha de amendoeira, observando-a também com atenção.

Imagens 14, 15 e 16: Curiosidades do Vinícius



Fonte: acervo da autora, 2024

Descobrimos também uma biquinha de água e Vinícius veio lavar as mãos junto comigo. Enquanto Vinícius andava mais sozinho, as duas meninas iam em par. Embora Vinícius procurasse, de alguma forma, estar por perto de mim. Vinícius gosta de ser elogiado nas coisas que faz.

Ao lado da Igreja tem um jardim com plantas bíblicas e as três crianças, juntas, se dirigiram para esse local, procurando ler as plaquinhas com os nomes das plantas. Foi um momento muito rico de leitura espontânea.

Imagens 17, 18 e 19: As meninas andando em par; lendo as placas; junto à Pia Batismal



Fonte: acervo da autora, 2024

As meninas também fizeram esse exercício de leitura das plaquinhas das plantas. Em seguida, eles se interessaram em entrar na Igreja. As meninas acharam curiosa e interessante a Pia Batismal, e aproveitei o ensejo para explicar a elas o significado. Elas demonstraram interesse e ficaram atentas. Já Vinícius sentou-se num dos bancos da Igreja e ficou observando o altar.

Imagem 20: Vinícius observando o altar da Igreja



Fonte: acervo da autora, 2024

Percebo em Vinícius uma atitude de observação, o que, no meu entender, corrobora sua curiosidade.”

Na avaliação da coordenadora, bem como nossa, essa atividade foi de grande riqueza, uma vez que as crianças tiveram a oportunidade de vivenciar a experiência de conhecer melhor parte do lugar por onde eles passam até chegarem ao NOAP, pela integração entre eles numa atividade ao ar livre, pelas descobertas feitas por eles, pela realização de leituras espontâneas, pelo exercício de caminhar e contemplar e do grupo estar junto com a psicopedagoga e estagiária, orientando-os, agregando valores e oportunizando o descortinar de um espaço rico em natureza que, me parece que de certo modo, é

pouco visto por eles, talvez porque quando executamos uma ação condicionada, não estejamos apreciando nem observando os detalhes. O NOAP defronta-se muito com comportamentos estereotipados, repetição de padrões pré-estabelecidos e tendência a reprodução de modelos oferecidos pelos adultos, pelas instituições ou pela mídia.

Por isso mesmo, adota os aportes da escola da Gestalt, tão importante para a compreensão do ato de aprender, que nos aponta muitíssimo bem esse fenômeno, através de um dos seus expoentes: Kurt Lewin (1965/ 1951), acompanhada pelos aportes de Visca (1985): o que interessa na descrição e explicação contextual é detectar as sutis interrelações da intraoperatividade tanto em função dos aspectos estruturais, [...] como também dos aspectos energéticos. [...]

O contexto está formado tanto pelo psicossocial, o sócio dinâmico, como pelo institucional – para usar o vocabulário de Bleger (1984) – aquilo que poderá simplesmente denominar: pessoas, grupos, pautas.

Interessante notar que, pelo relato, outra criança se sente estimulada a falar sobre as abelhas e a dizer que elas fabricam o mel e dão ferroada se ficam assustadas, mostrando, assim, conhecimentos aprendidos. Nessa sessão vemos que há uma valorização da expressão individual, o que reforça a autoestima e leva a criança a ser na escola e na família mais atuante e posicionada. (Erickson, 1968)

Atividade semelhante foi relatada pela coordenadora Maria Christina Catão, com um grupo de quatro crianças entre 8 e 12 anos.

Pelo relato um dos meninos, Vinícius, se deteve num jardim com plantinhas vermelhas. Ao se sentir aprovado pela coordenadora, acabou levando os colegas às plaquinhas que tinham o nome das plantas.

Esse momento é extremamente significativo, porque nessa faixa etária é o momento em que conseguimos realizar uma classificação, isto é, conseguimos agrupar a realidade, segundo critérios. Essa conquista gera internamente na criança mais segurança e referência.

Por outro lado, o nome é aquilo que define o objeto. Do ponto de vista emocional, ao se nomear, é o momento da construção da identidade (Erickson, 1968), questão muito importante para essas crianças e adolescentes, em geral, provenientes de famílias numerosas, nas quais é muito mais forte o todos do que o cada um.

Interessante ver como após a leitura das plaquinhas com o nome das plantas, elas se interessam em entrar na igreja e em ouvir novas informações da coordenadora sobre a PIA BATISMAL.

Essa dificuldade em focar a atenção e em dispersar é uma queixa muito comum das escolas. Nesse relato vemos como o interesse e o ambiente organizado aumentam a curiosidade das crianças e adolescentes e ampliam o foco de atenção.



5 DESAFIO NOAP 2020/2021

A pandemia de COVID-19 trouxe muitos desafios para a educação. O fechamento das escolas impactou significativamente não só na aprendizagem, mas também no desenvolvimento social das crianças e adolescentes. As instituições de ensino precisaram, em curto tempo, criar estratégias para adaptar-se à nova modalidade de ensino à distância. Esta transição do ensino presencial para o remoto expôs as desigualdades já existentes e ao mesmo tempo criou novas oportunidades para repensar metodologias possibilitando a inovação no ensino.

As psicopedagogas do NOAP adaptaram-se à nova realidade explorando as ferramentas tecnológicas e pensando cuidadosamente na dinâmica das atividades. O primeiro desafio era o de manter a motivação das crianças e adolescentes para participarem das sessões à distância. E para garantir a continuidade dos atendimentos, a equipe realizou reuniões remotas com os pais e com as escolas reafirmando a importância da parceria com o NOAP.

A maioria não possuía computador e usava o celular de seus responsáveis para participar das sessões. Outros desafios enfrentados pela equipe foram a dificuldade de conexão com a internet, o tamanho da tela do celular limitando a visão por parte das crianças, a dispersão do grupo pela falta de um lugar em casa que pudessem ter privacidade na hora da sessão.

6 RELATO: ATENDIMENTOS EM GRUPO ON-LINE

“Para dar continuidade aos atendimentos durante a pandemia entrei em contato com todos os responsáveis do meu grupo de forma individualizada para explicar qual era a proposta do atendimento online e o que precisávamos para que as sessões ocorressem da melhor forma possível.

Foi falado sobre a importância da privacidade no atendimento e da criança ter uma conexão boa, claro que dentro das possibilidades. O espaço precisava ser preparado, ou seja, foi orientado que na hora do atendimento a criança estivesse totalmente dedicada àquele momento, sem nenhuma outra tarefa paralela e que no ambiente não tivesse outras pessoas. Tudo isso porque não era uma brincadeira online e sim um atendimento que precisava seguir os enquadres.

As sessões eram planejadas sempre pensando nas contingências da tecnologia. Normalmente as crianças se organizavam com antecedência e separavam os materiais solicitados como sucata, lápis e papel. Nada sofisticado. Lembro-me do dia em que construímos um pião de sucata e foi uma alegria compartilhada num momento de tanta incerteza e insegurança.

Toda vez que havia um problema com o atendimento de alguma criança, o responsável era contatado com um pedido de ajuda. Muitas vezes na hora do atendimento uma criança estava na rua e os pais não sabiam. Uma outra que na hora do atendimento estava tomando conta da irmã mais nova.

Era explicado sempre sobre a importância do horário do atendimento. Que o atendimento para poder ocorrer de verdade precisava desse compromisso e que o NOAP contava com a família para ajudar.

Grupo de 5 crianças, entre 11 e 13 anos, cursando entre o 5º e o 8º ano.

- Eixo condutor do grupo: CONEXÃO - com a tarefa, com as coordenadoras, com o atendimento, entre eles (conexão, vínculo, sentido)
- Principais desafios:
 - manter o enquadre
 - Buscar propostas que tragam continuidade entre os encontros
 - Instigar o grupo a elaborar suas próprias propostas

Imagem 21: O grupo nas “janelinhas” virtuais



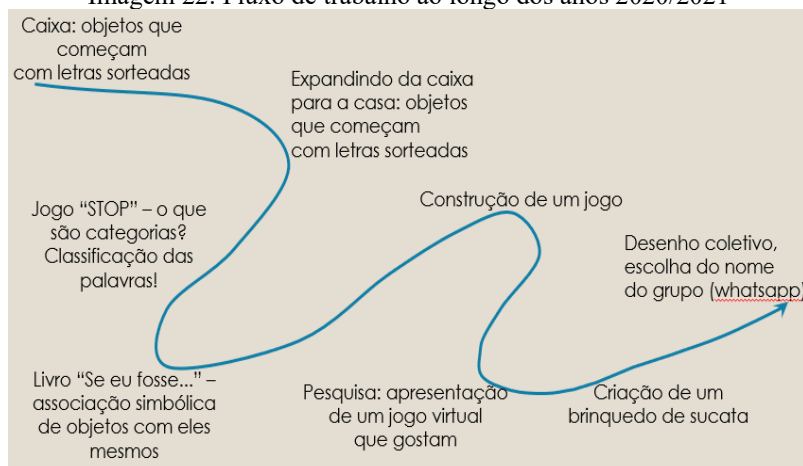
Fonte: acervo da autora, 2020

O preparo para as sessões iniciou com a confecção de 2 caixas cada uma contendo materiais diversos. Cada criança deveria montar suas caixas de trabalho da seguinte forma:

- CAIXA DE MATERIAIS – CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO PRÓPRIO - intenção de trazer materialidade e organização para o enquadre da sessão, tanto de materiais disponíveis, quanto de lugar para guardar as produções.
- CAIXA DE OBJETOS – objetos variados, para serem usados em jogos e dinâmicas nos atendimentos. Intenção de trazer a personalidade deles para a sessão. Sugestão: 10 objetos, bem variados. Exemplo: livro, pregador de roupas, flor seca, apontador, concha, fita de cetim, miniatura de animal, pedra, moeda.

As caixas de trabalho foram utilizadas ao longo do ano atendendo ao planejamento das atividades, conforme mostra o fluxo de trabalho abaixo.

Imagem 22: Fluxo de trabalho ao longo dos anos 2020/2021



Fonte: autora do relato, 2021

As atividades eram planejadas antecipadamente a fim de que cada criança separasse os materiais necessários, colocando-os em suas caixas de trabalho. Os jogos eram customizados para o atendimento remoto, como o Jogo STOP. A coordenadora compartilhava a tela e cada criança escrevia sua palavra na coluna indicada.

Os jogos de dominó, da memória e de tabuleiro foram fabricados com materiais das caixas de trabalho. Para o jogo de computador, SCRATCH, foi necessário acesso a um site feito pela coordenadora da sessão que controlava a montagem do desenho. As crianças escolhiam as figuras e indicavam o lugar na tela onde elas deveriam ficar. Foi um desenho montado em conjunto.

6.1 JOGO 'STOP'

Jogo 'STOP' – É um jogo que envolve a evocação de palavras começadas com uma determinada letra em palavras de categorias diferentes. Cada jogador tem uma matriz de dupla entrada, na qual é sorteada a letra da vez e todos devem escrever em seus papéis as palavras de categorias diferentes (nome, animais, objetos, alimentos...). Quem termina primeiro diz "stop" e todos devem suspender a escrita e começar a contagem dos pontos.

O jogo trabalha com o funcionamento operatório da classificação assim como a memória evocativa de elementos da própria subjetividade. Sara Pain em "A Função da Ignorância" diz: "As operações que determinam a coerência da leitura da experiência e a construção de uma objetividade real são a classificação e a seriação. Elas permitem organizar sistematicamente todos os esquemas em hierarquias que permitem calcular, medir, predizer. Classificar não é simplesmente agrupar as coisas que têm características comuns, mas pressupõe igualmente distingui-las de outras com as quais ao mesmo tempo possam compartilhar uma classe mais abrangente. É preciso, ainda, poder diferenciá-las daquelas que podem partilhar com elas uma classe extensiva, de modo que a noção definida ou reconhecida pela sua semelhança com um arquétipo vem preencher as condições da definição do conceito: ser determinado pela sua pertinência a uma classe superior e por sua diferença específica em

relação às classes complementares. Assim, um conceito pode ser sempre definido por outros conceitos, em um corpo fechado. Esses conceitos são submetidos a classificações novas a partir de diversos critérios, com uma mobilidade sempre crescente. Uma organização do real objetivo então se instaura, não levando em conta nenhum traço conjuntural, mesmo se nas transformações encontrarmos certas referências simbólicas que conservam ainda os vestígios da experiência vivida.

O que são categorias? Será um jeito de classificar as palavras?

Proposta evoluindo de uma escolha aleatória de palavras com uma letra para uma sistematização em classes diferentes.

Habilidades:

- Memória
- Repertório
- Gramática

Imagem 23: Jogo Stop em ambiente virtual

bicho	nome	comida	objeto
cachorro	Camila	chocolate	cola
cobra	Caet??	chocolate	cola
cobra	Carina	cereal	✗ cabisera
			✗ cabira
cachorro	Carla	carne moída	✓ cabeceira
cavalo	Carolina	caramelo	cama
bagre	Betina	bagre	casaco
		banana / bolo	barraco
babuino		Bis	bola
borboleta	Bernardo	berinjela	barraca
barata	Bianca	batata	brinco
			borracha

Fonte: acervo da autora, 2020

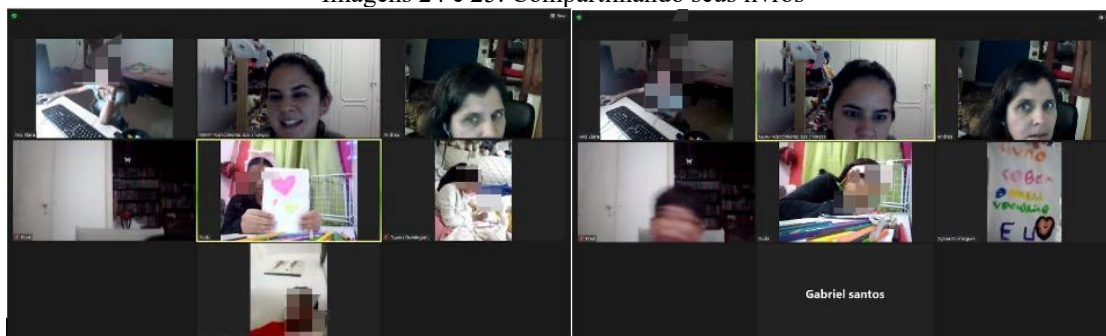
6.2 LIVRO 'SE EU FOSSE...'

Associação simbólica de objetos com eles mesmos. Uma maneira lúdica de falar de si.

Etapas:

- Escolha das categorias
- Pensar no que seria em cada uma
- Criar o livro (dobradura, amarração, desenhos)
- Apresentação: mostrar o livro e falar das suas escolhas

Imagens 24 e 25: Compartilhando seus livros



Fonte: acervo da autora, 2020

6.3 JOGO FABRICADO: DOMINÓ, JOGO DA MEMÓRIA, TABULEIRO, JOGO DE COMPUTADOR (PROGRAMAÇÃO – SCRATCH)

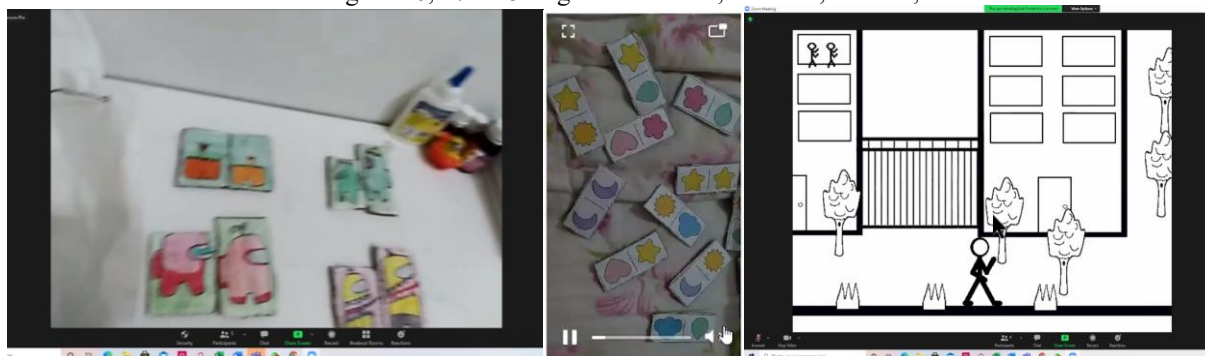
Dominó é um jogo eminentemente figurativo, na qual são trabalhadas a observação e a correspondência termo a termo. Nele cada criança ou adolescente deve encontrar a peça correspondente à que se encontra sobre a mesa. São trabalhadas a atenção, a observação, assim como a semelhança seja de números, seja de palavras, seja de objetos.

Jogo da memória consiste em organizar espacialmente figuras que deverão ser memorizadas para depois serem lembradas. Os jogadores devem escolher as figuras de modo a formarem pares. O jogo trabalha a memória espacial, a atenção e a discriminação perceptiva uma vez que muitas figuras são semelhantes. Essas estruturas serão fundamentais para a aquisição da leitura e da escrita.

O jogo de tabuleiro em geral tem uma trilha com um ponto de partida e um ponto de chegada. Pode apresentar obstáculos no caminho e a ordem obedece a sorte dos dados. Geralmente, nessas disputas ficamos diante de situações de frustração que implicam na criança/adolescente ter perseverança para atingir sua meta. Normalmente é um jogo mais competitivo, na qual o coordenador deve estar atento para manter uma tensão circulante, isto é, oras um está em vantagem ora outros.

O jogo de computador (SCRATCH) é um jogo de programação que a partir de blocos você cria animações, jogos e histórias interativas. Ele permite a imaginação, a entrada em diferentes papos e a projeção de sentimentos que façam parte dos sujeitos ou do grupo. Por ser um jogo de computador, exerce maior atração para as crianças e adolescentes.

Imagens 26, 27 e 28: Jogo da memória; Dominó; Scratch;



Fonte: acervo da autora, 2020/2021

6.4 BRINQUEDO DE SUCATA

Imagens 29 e 30: Compartilhando os brinquedos



Fonte: acervo da autora, 2021

Imagem 31: Trenzinho de sucata



Fonte: acervo da autora, 2021

6.5 SÍMBOLO E NOME DO GRUPO

Imagem 32: Desenho feito pelo grupo por compartilhamento de tela



Fonte: acervo da autora, 2021

PRINCIPAIS GANHOS:

- Comunicação
- Comprometimento

PRINCIPAIS DESAFIOS:

- Capacidade de finalizar as tarefas
- Manter a atenção quando o colega ocupa muito tempo”

É muito interessante observar o fluxo de atividades (Imagem 22) que esse grupo de crianças entre 11 e 13 anos cursando do 5º ao 8º ano percorrem. São atividades variadas, bastante diversificadas, como o próprio grupo.

Manter a CONEXÃO com a tarefa, as coordenadoras e o grupo é parte importante de um trabalho psicopedagógico, uma das questões fundamentais foi manter o enquadre que dá referência e segurança, necessários ao processo de construção do conhecimento.

A tarefa de coordenador foi alinhar o sentido entre essas atividades, embora elas fossem muito diferentes. Esse ponto se reflete no alinhamento do grupo que, dentro da heterogeneidade dos seus membros, mantém a homogeneidade da sua proposta. Vemos muitas expressões, e expressões diferentes dos membros do grupo e alta criatividade, isto é, expressões singulares e próprias de cada um.

Podemos avaliar que num período de pandemia, quando as pessoas ficaram retidas e incomunicáveis, e quando a paralisação e o medo dominaram, conseguir esses resultados foi, de fato, muito compensador e reforçou para a equipe o papel do trabalho psicopedagógico.

A tarefa do coordenador foi alinhar a sequência desses jogos, segundo um eixo condutor que significa uma linha de trabalho que obedece a uma lógica para um grupo de crianças de 8 a 12 anos (dentro do período das operações concretas). O objetivo de cada jogo se alinha e se complementa com o do outro, ao mesmo tempo que as diferenças entre os membros do grupo permite uma heterogeneidade, uma circulação e uma troca que promovem a mudança.

7 RELATO: ORIGAMIS

“A atividade com origamis foi realizada com adolescentes de 12/13 anos do NOAP, na modalidade on-line. A proposta era, em cada sessão, um adolescente ensinar aos outros uma dobradura. Foram ensinados: cara de cachorro, barco, flor e avião.

O origami é a técnica de dobradura de papéis, na qual se trabalham muitas habilidades, tais como, coordenação motora, atenção, concentração, memória, paciência, imaginação e conceitos matemáticos (espaciais, geométricos).

Observamos, durante o processo, que um menino apresentou dificuldade em dobrar o papel. Imediatamente, outro explicou-lhe como fazê-lo e o ajudou a dobrá-lo de maneira apropriada. Observamos, também, em alguns membros do grupo, certa dificuldade no uso de vocabulário e noção espacial. Trabalhamos juntos, então, noções de direita, esquerda, para cima, para baixo, para frente, para trás, etc. Um menino, muito rápido, se mostrou impaciente para esperar outro fazer sua dobradura. Discutimos no grupo o ritmo de cada um e a importância de esperar o outro terminar seu produto. Verificamos grande capacidade criativa no grupo como um todo. Por exemplo, cada um escolheu o nome do seu cachorro, escreveu/desenhou esse nome na tela do zoom (ex.: Todi e Lobo) e, juntos, todos criaram uma história sobre os cachorros e a escreveram. O adolescente que, inicialmente, mostrou dificuldade na coordenação motora percebeu que o barco ensinado pela colega só tinha casco de um lado. Concluiu que era necessário fazer o casco do outro lado, para que o barco não virasse. Com isso, conseguiu mostrar seu conhecimento de mundo, saindo da fantasia para a realidade. É no acontecer do grupo, nesse espaço de confiança que se cria durante os encontros, que cada criança e adolescente tem a oportunidade de mostrar o seu saber e lidar com o seu não-saber, ora ensinando o que sabe, ora aprendendo com o outro.

Como diz Pichon-Rivière em ‘Processo Grupal’: “O diálogo com a realidade é restabelecido e seu dinamismo é duplo; provém da espontaneidade do pensamento que é capaz de ratificar ou retificar, de alimentar-se e alimentar os outros (feedback).

A operação do diálogo implica que a comunicação tenha se tornado possível ou tenha sido restabelecida, ou seja, que as redes de comunicação possam ser restabelecidas. Trata-se de uma maiêutica – diálogo –, método socrático, que consiste em uma cooperação que tende a devolver e resolver antinomias (sínteses) dentro de um sistema de contradições, com um grau de alteridade contínua e ótima, em uma situação de ir e vir entre o concreto e o abstrato.

7.1 CARAS DE CACHORRO

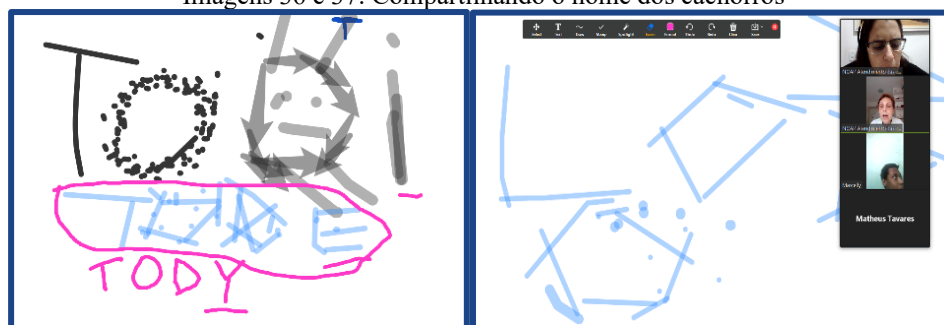
Imagens 33, 34 e 35: Fotografias das caras de cachorro



Fonte: acervo da autora, 2020

7.2 NOME DOS CACHORROS

Imagens 36 e 37: Compartilhando o nome dos cachorros



Fonte: acervo da autora, 2020

7.3 HISTÓRIA SOBRE OS CACHORROS

Era uma vez um lobo solitário, que caçava tudo o que estava na frente. Aí ele andou, andou, andou e aí, quando ele chegou numa cidade, a cidade era de cachorros. Tinha o Tom, o Mike, a Tita e o Todi. Aí eles correram numa montanha e se esconderam numa caverna. Aí eles passavam o dia na caverna. Teve um dia que o lobo foi dar uma volta. Os cachorros aproveitaram e saíram. Na hora que eles saíram da caverna, eles acharam uma árvore cheia de frutas. O lobo tentou matar eles. Com o tempo, eles viraram amigos.”

A atividade relatada por Christina Catão e Luciana Moraes transcorre em momento muito desafiador: como trabalhar com adolescentes de 12/13 anos em um momento pós pandemia, quando não se tinha possibilidade do encontro presencial.

O contato da coordenadora com as famílias para através de parceria conseguir que os membros do grupo pudessem ter o computador ou o celular no horário da sessão. Esse investimento foi fundamental para que não só os adolescentes, mas também as famílias sentissem que o NOAP não estava desistindo deles, pelo contrário, investindo em tentar conciliar tempo para ter todo o grupo junto.



Como a própria coordenadora relata, é nesse espaço de confiança que cada criança/adolescente tem a oportunidade de mostrar o seu saber e lidar com o seu não-saber, trocando saberes com seus colegas de grupo. Essa solidariedade não é comum numa sociedade acelerada, imediatista, onde cada um busca seus próprios interesses.

A estória final produzida pelo grupo revela solidão, ameaça, medo e busca de segurança. Importante a força do grupo que permanece unida e que atrai o elemento ameaçador, transformando-o em amigo.

As escolas e as famílias trazem comportamentos de maior autonomia, iniciativa e responsabilidade por parte das crianças e adolescentes. As ações dos coordenadores de grupo são ações lúdicas, mas que se conectam com as necessidades reais das crianças e adolescentes. E isso é o seu grande valor!! Por isso, a resposta se avista, a partir da melhora no rendimento escolar, no interesse pelas leituras e descobertas e pela maior confiança neles próprios.”

Dos pontos mais fundamentais desse trabalho, tanto na pandemia como fora dela, é a consistência de um arcabouço teórico que nos sustenta na crença de que o desenvolvimento e a aprendizagem são resultantes de uma construção gradativa em interação com muitos fatores do meio.



REFERÊNCIAS

ALMEIDA E SILVA, Maria Cecília. PSICOPEDAGOGIA: em busca de uma fundamentação teórica. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, p. 24 e 25, 1998.

BLEGER, José. Psicologia da Conduta. Editora Artes Médicas, São Paulo, 1984.

ERICKSON, E. Identidade, juventude e crise, ISBN-10. 8524501294 · ISBN-13. 978-8524501296. Editora. Guanabara Koogan. Rio de Janeiro 1976 (1968)

FERNÁNDEZ, Alicia. Os idiomas do aprendente. Editora ARTMED, Porto Alegre, p. 36 e 37, 2001.

MAMEDE-NEVES, Maria Aparecida Mamede. O fracasso escolar e a busca de soluções alternativas: A experiência do NOAP. Editora Vozes, Petrópolis / RJ, p. 70, 1993.

MAMEDE-NEVES, M. Aparecida & PAIN, Sara Research in the field of psychopedagogy IN: Pathways to Knowledge: Exploring the Horizons of Education Chapter 20, SEVEN ED. 2023. <<https://doi.org/10.56238/ptoketheeduca>>

PAÍN, Sara. A Função da Ignorância. Editora Artes Médicas Sul Ltda, Porto Alegre, p. 86, 1999.

PIAGET, Jean. A equilibração das estruturas cognitivas. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 1976.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. O Processo de Criação. Martins Fontes, São Paulo, p. 149, 1999.

VISCA, Jorge. Clínica Psicopedagógica: Epistemologia convergente. Miño e Dávila editores, Buenos Aires / Argentina, p. 62, 1985.